

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 20 DE SETEMBRO DE 1919

N.º 78

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

ANO 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 870 ANO 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegouaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

O PROBLEMA DAS ESTRADAS

UMA ETERNA QUESTÃO

N'ESTA escabrosa missão de propaganda e da defeza da industria do turismo em Portugal encontram-se, por vezes, embaraços na escolha dos assumptos a versar, taes e tantos são os que se apresentam sempre com a característica de preferencia, porque nenhum d'elles mereceu ainda a atenção devida d'uma rapida solução e todos teem a sua resolução á espera de melhor oportunidade, pois de ha tempos a esta parte, ninguém teve ainda a nitida visão das suas responsabilidades em materia de administração geral do nosso paiz e, muito menos, na especialidade que se refere ao fomento nacional.

Por assim dizer, depois da gerencia de Emygdio Navarro, na pasta das obras publicas, nenhum *estadista* inscreveu no seu programa de administrador qualquer obra grandiosa de iniciativa pratica, que pelos seus beneficios se establisasse e proporcionasse o estimulo para o desenvolvimento da acção particular, das boas e sãs energias, que tantas havia n'esta outr'ora ditosa patria, para a tornarem ainda mais feliz.

Assim é que, nem portos, nem navegação, nem caminhos de ferro, nem hotéis, nem estradas — isto é, o principal para fazer convergir ao nosso paiz e aos seus importantes centros, a população fluctuante que é o maior factor do progresso economico, nenhuma absolutamente, d'essas importantissimas questões se acha ainda solucionada de forma a produzir os seus beneficios efeitos e a entusiasmar a resolução de outras de não menos proveitosos interesses.

Entre elas impõe-se, pela sua excepcional importancia a que, por vezes, já nos tem absorvido a atenção: é a que se refere a **estradas**.

Crêmos desnecessario mais uma vez empregar os melhores tropos literarios para — como n'uma epopeia melo-dramatica — convencermos *tout le monde et son père* d'uma urgente e inadiavel resolução sobre tão magno assumpto; mas o que não podemos admitir é que ele seja apenas lembrado por ocasião da confeção do orçamento geral do Estado, como legalisação para o sustento dos... que não querem trabalhar.

Isso não, pelo menos enquanto esta Revista existir.

Teem os jornaes noticiado que o actual Ministro do Comercio está estudando a resolução do problema, a que tem dedicado a sua melhor atenção. Não pômos em duvida os desejos de que esse ministro esteja possuido; sendo de esperar que alguma coisa resulte de tão aturado e prolongado trabalho.

Como no estudo d'uma questão de tanta magnitude todos os subsidios são uteis, vamos pôr deante dos olhos de S. Ex.ª o começo da exposição feita pelo Director da Repartição de Turismo no seu relatório referente ao ano economico de 1916-1917, ultimo que, ao assumpto, circunstanciadamente se refere.

Diz esse Relatório:

«Nunca as estradas em Portugal, exceptuando as das Beiras e uma

ou outra d'outros districtos, foram boas. Mas, tambem, nunca estiveram em tão mau estado como agora. «Muitas razões tem sido apontadas para justificar este triste resultado; todavia, a principal é, sem duvida, a insuficiencia de verbas orçamentais para a sua reparação e construção. As tentativas que entre nós se tem feito para solucionar o problema, obedecendo sempre ao criterio de maior economia, não teem dado resultado algum. Não nos devemos enganar: «O problema é apenas uma questão de dinheiro. Lá fora, sobretudo na America do Norte e na Inglaterra, aonde as estradas são excelentes, gastam-se somas importantissimas com ellas, porque esses paizes já ha muito que se convenceram de que só assim se poderiam ter boas estradas.

«Em Portugal o transitio, n'estes ultimos anos, augmentou consideravelmente. Uma estrada que ainda ha pouco tempo era raramente frequentada, é-o hoje largamente. O automobilismo desenvolveu-se d'uma maneira notavel. A industria, a agricultura e o comercio, começaram a utilisar o camião para transporte dos seus productos. Tudo isto veio contribuir para maior damnificação das estradas. No entanto os orçamentos pouco mais teem dado para as estradas do que costumavam dar. Ora se as somas votadas já eram insuficientes antes dos progressos ultimamente acusados, o que fará agora! Desenganemo-nos. Ou os governos encaram de frente o problema, expõem ao paiz franca e lealmente o estado da viação, ordenam e indicam o que é preciso gastar, para que o paiz se pronuncie e decida, ou, em pouco tempo, com as tentativas que se tem feito e cujos resultados são muito pouco lisonjeiros, veremos as estradas do paiz totalmente intransitaveis.»

Assim aludiu o Sr. Dr. José d'Athayde á situação das estradas no 2.º semestre de 1916 e no 1.º de 1917.

Vão já passados quasi dois anos e não consta que tivessem sido tomadas quaesquer medidas tendentes a remediar o mal que, pelo visto, apenas foi um pouco atenuado pelo Marquez de Loulé, em 1862. Desde essa epoca até o presente, o pouco que se tem feito apenas tem servido para... garantir o exito das eleições em favor dos governos. E d'esta forma tem-se alterado o programa natural da rede de estradas, com manifesto prejuizo para os interesses economicos do paiz e, apenas, com proveito para os caciques eleicoeiros.

E' isto toleravel?

Pode semelhante assumpto conti-

nuar a servir simplesmente os interesses das diversas facções politicas que d'ele se tem utilizado e abusado para garantirem a sua permanencia nas Cadeiras do Poder?

— Que responda a consciencia humana e, principalmente, a d'aqueles a quem as questões como esta mais directamente affectam.

Quanto a nós, não largaremos o assumpto de mão. Concedemos apenas, agora, um pequeno interregno na esperanza de vêr em breve proferidos os resultados do fatigante trabalho a que o Ministro do Comercio se tem dedicado, se eles vierem um dia á claridade da luz em mais um diploma da serie ininterrupta dos que, a tal respeito, tem sido produzidos pelos varios administradores da pasta do fomento.

E' um perfeito oasis selvagem.

A região do Barroso está, porém, destinada a grande desenvolvimento, mercê das suas Caldas Santas, que se acham em perfeito estado de progresso, pois muitas dezenas de operarios ali trabalham com afan para em breve darem prompto o balneario, o hotel, e mais edificios para uma nova estação de cura e de repouso.

O hotel projectado é modesto nas proporções, pois não tem a vastidão do seu visinho Palace-Hotel, de Vidago; terá, todavia, todo o conforto que hoje é exigido em casas d'esta natureza. O balneario, não se medindo em aptitude com o das Pedras Salgadas, é, comtudo, bastante para assegurar a essa nova estancia um futuro grandioso. A sua construção está sendo cuidada, nada lhe faltando tambem em hygiene e comodidades.

Não é tudo, porém, o que a Empreza quer levar a cabo, pois outros atractivos estão em via de execução, sendo natural que no ano proximo de 1920 já estejam funcionando os diversos serviços das novas thermas, que, sem duvida nada deixarão a desejar.

Para se avaliar a sua bela situação, basta dizer que a paisagem selvagem e exotica que envolve as Caldas Santas e que cobre toda a Serra do Barroso, se estende até á Serra do Gerez.

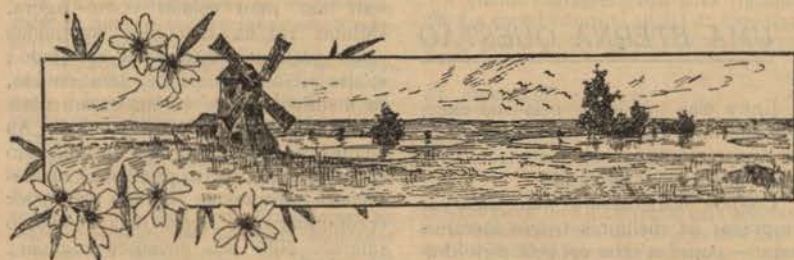
O seu atrahente aspecto exprime qualquer coisa de extranho e de phantastico. Ali tudo é motivo original, tudo é desconhecido; e isso proporcionará aos aquistas da nova estancia e a todos os turistas que vão jornadaar por aquelas longiquas paragens, o mais intenso prazer e a mais completa admiração.

Não podemos deixar de, n'esta singela descripção, significar uma nota interessante. As Caldas Santas ficam muito proximo de Vidago, para onde uma estrada quasi concluida dará acesso. Vidago tem por visinhança uma outra estancia de bastante nomeada: a das Pedras Salgadas.

Em Chaves haverá umas thermas de grande futuro. Fecham este circulo as interessantes thermas hespanholas de Cabreiroa, a dois passos de Chaves.

Imagine-se, agora, o que virá um dia a ser esta região, que em menos d'uma centena de kilometros abraça, com um caminho de ferro que em breve ha de ligar a nossa rede do Douro com as linhas da Galiza, simplesmente cinco estancias d'aguas!!!

Para complemento da ligação dos dois importantissimos districtos do norte



ASPECTOS CAMPESTRES

NO BARROSO

A Serra do Barroso é uma preciosidade desconhecida que ha em Portugal. A civilisação—esta civilisação de que nos ufanamos, ainda lá não chegou! E' certo que algumas estradas a cortam, mas com timidez. Dir-se-ha, ao passar-se por esse singular canto de Portugal, que a nossa exquisite em não completar a tão necessaria rede de estradas do nosso paiz tem, n'esse logar, a mais explicita confirmação—não se completa a rede das nossas estradas para não deixar avançar o progresso.

E, realmente, seria um crime que ele fosse violar esse delicado mimo.

A paisagem é, por assim dizer, absolutamente selvagem. Dentro d'ela se disfructa um signal de vida. Quatro paredes denegridas, uma cobertura de colmo, duas taboas pregadas ao alto, dando a illusão d'uma tosca porta, eis o que é uma habitação n'esse original recanto do nosso Paiz.

Seculos e seculos tem passado, sem que alguem se tenha lembrado de revestir contra as iras das intemperies, com uma porção de cal bemfa-

zeja, as pedras mal juntas das moradias.

N'essas typicas choupanas, representativas da primitiva arquitetura, não ha conforto. O seu recheio compõe-se d'uma arca para guardar o grão, d'uns bancos de pau, de tres pés toscos, embutidos no assento; d'um catre a um canto d'uma soturna divisão em que a porta é, apenas defendida por uma nesga de chita, como singelo resguardo á honestidade do interior.

Eis tudo.

Mas a povoação d'essa bela serra, é feliz. Levanta-se cedo, pelo raiar da aurora; bebe a fresca e deliciosa agua da serra, que n'ela brota em toda a sua pureza escoando-se por uma fonte rustica; come o seu milho carinhosamente cultivado no lameiro vasto e fecundo; e de pouco mais se alimenta.

Ao domingo vae á missa com religioso encantamento; e pelo tempo das ceifas, quando o Astro-Rei faz matizar os campos, distrahe-se com a sua tradicional romaria.

E é quanto lhe basta.

do Paiz, haverá ainda uma estrada de Braga a Chaves sob os protectores arvoredos exóticos do Barroso, da qual partirão ramificações para o Gerez, para Caldelas e para essa encantadora serra minhota do Barroso, que sem duvida, os turistas automobilistas percorrerão com verdadeira delicia.

F. VILLAS.

UMA OBRA HUMANITARIA

"Florinhas da rua,"

FLORINHAS da Rua é o nome d'uma Associação de Beneficencia cujo fim é recolher as creanças que mendigam pela rua, tornal-as mulheres honestas e trabalhadoras, livrando ao mesmo tempo a cidade de pedintes andrajosos e esfomeados que dão um aspecto de desleixo e miseria. Esta Associação, que tem os seus estatutos legalmente aprovados, impoz-se uma alta missão moral e social, e todos os corações que amam o engrandecimento do paiz devem ter a peito desenvolver todas as iniciativas que se dirigem a este fim. A miseria é enorme, tanto fisica como moral, e a multiplicação d'estas casas de «Florinhas da Rua» deve ser o desejo de todos, quaesquer que sejam as suas idéas politicas e religiosas. No terreno do bem, todos se podem encontrar.

A idéa d'esta obra nasceu do encontro fortuito do Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Mitylene com uma d'estas creanças pedintes que, já com ares de pequena actriz, procurava inspirar a compaixão dos transeuntes. Lembrou-se, então, S. Ex.^a de promover uma obra de caridade para recolher estas pequenas vagabundas, tratando-se d'ellas, dando-se-lhes banhos, agasalhos e comida. Esta idéa foi por deante, e, assim, fundou-se o primeiro estabelecimento, que se acha instalado no 1.º andar do edificio n.º 108 do Campo dos Martyres da Patria, onde, com menos de um ano de existencia, puderam já ser admitidas 60 creanças dos 3 aos 12 anos. Tudo estava porém por fazer; mas esta acção altruista excitou o interesse geral. Chegaram donativos. Necessario é fundar outras casas, n'outros bairros pobres e desprevénidos de recursos, para se atender ao maior numero.

As creanças obedecem ao regimen d'externato. Assim entram ali ás 9 h. da manhã, saem de verão ás 7 h. da tarde, e de inverno mais cedo. Durante o tempo de permanencia

n'essa bela casa de educação, recebem tudo o que lhes é necessario, como vestuario, roupas, fatos, agasalhos e calçado. Duas comidas fartas constituem a sua alimentação e todos os dias as pequenas são lavadas, tomam banhos, douches, e tem todos os meios para n'elas s'inveterar o gosto pelo aceito e pelo arranjo. Ministra-se-lhes tambem a educação correspondente ao seu meio social. O luxo é banido. Todos os moveis, de pinho branco, são de limpeza facil. As proprias creanças estão encarregadas de tratar de todos os arranjos de casa. Ajudam na cozinha, lavam, engomam, concertam tudo o que lhes pertence. Fazem as suas roupas e vestidos, aprendem a ler, escrever e contar, o que lhes facilitará os meios de ganhar honestamente a sua vida e tornal-as boas donas de casa.

Como é natural, as primeiras «Florinhas da Rua» deram muito trabalho, pelos profundos defeitos moraes e fisicos que não desapareceram repenti-

namente; mas estão-se transformando com uma rapidez que causa espanto mesmo ás pessoas mais habituadas a lidar com creanças pobres.

São já em numero avultado as pessoas que contribuem para tão util instituição, tendo alguns distinctos clinicos oferecido gratuitamente os seus serviços para tudo quanto fôr preciso. Entre eles citaremos os Srs.: Dr. Saccadura, para a medicina; Dr. Eurico Lisboa, para os olhos; Dr. Anibal de Castro, para cirurgia; Dr. Ferraz como dentista, não esquecendo a valiosissima oferta gratuita de medicamentos da pharmacia Avelar.

Expusemos o que se fez até agora. O que resta, porém, é multiplicar o mais possivel estas casas para o bem das creanças e de todos nós, sendo indispensavel que cada um contribua com a sua quota-parte.

Todos os donativos, por minimos que sejam, podem ser enviados á sede da Associação, Campo dos Martyres da Patria, 108, 1.º.

EM FRANÇA

OS SERVIÇOS FERROVIARIOS

As administrações dos caminhos de ferro francezes orgulhavam-se, até o começo da grande guerra, de ter nas suas linhas os melhores comboios, não só pelas grandes velocidades como pelo conforto que ofereciam. Iniciou-se, porém, o grande conflicto europeu com todos os seus horrores, e as linhas francezas viram-se na dura necessidade, pelas circunstancias do momento, de suprimir os de maiores velocidades e de reduzir a marcha dos que as exigencias do serviço obrigavam a circular.

Ninguem mais pensou em fazer melhoramentos na via.

As obras de conservação limitaram-se ao estrictamente indispensavel, dando em resultado que, passados os quatro longos anos de guerra, o estado das linhas ferreas, sem excepção, achava-se absolutamente precario.

D'esta fórma, houve immediata necessidade de tornar lentas as marchas dos comboios, o que mais se fez sentir pelo consideravel numero de vehiculos que eram obrigados a transportar. Todavia, estas medidas foram rodeadas dos maiores cuidados para não se abalar mais a já critica resistencia das linhas.

Mas quando ha criterio, ha sempre uma solução pratica e aceitavel; e, assim, as companhias lançaram mão

de varios recursos tendentes a garantir um serviço relativamente comodo e perfeito, tanto quanto possivel.



Como se sabe, desde ha muito que, em França, se convencionou que os comboios rapidos fossem principalmente estabelecidos para encurtar distancias; e por isso só se admitiam passageiros para percursos, em certos casos, de mais de 100 kilometros; medida esta tendente a descongestional'os dos passageiros de pequenas viagens. Hoje, porém, os pequenos percursos nos comboios de mais acelerada marcha foram, n'algumas linhas, elevados a 200 e 300 kilometros, o que — diga-se de passagem — representa ainda assim, para o viajante de longas distancias, uma comodidade de alto valôr.

As companhias preferiram adoptar este systema á imposição de sobretaxas de velocidade, que alguém aconselhou, para os comboios expressos, afim de lhes diminuir a concorrência, visto que, logicamente, o afastamento directo de passageiros de pequenos percursos, seria melhor aceite pelo publico do que outra qualquer medida imperativa, facilitando-se d'esta maneira muito mais o aproveitamento dos comboios.

Agora, mesmo, a Companhia de Orleans, acaba de crear um novo comboio rapido diario, entre Paris e Bordeaux, que terá ligação para Hendaya, Madrid e, tres vezes por semana, para Lisboa; impondo, todavia, a condição de não admitir passageiros senão para Bordeaux e além d'esta cidade, o que equivale a dizer que a restricção é elevada a perto de 600 kilometros.

O novo rapido, com carruagens de 1.ª e 2.ª classe, não exige, porém, para a sua utilização, o pagamento de qualquer sobretaxa, e é destinado a encurtar a distancia de Paris aos Pireneus e a Madrid.

Antes da guerra já esse comboio existia, mas com uma marcha mais acelerada, pois fazia o percurso de Paris a Hendaya em 12 horas e meia; enquanto que atualmente essa distancia será vencida em 15 horas, ou seja mais 2 horas e meia, do que antes da guerra.

Nas outras linhas estão restabelecidos já muitos dos antigos comboios, porém com marchas inferiores, tendo apenas paragens n'um pequeno numero de estações.

As restricções impostas á utilização d'esses comboios são mais elevadas, pois em muitos d'elles só se admitem passageiros para percursos superiores a 300 kilometros e mais.

A entrada, em França, das carruagens entregues pelos alemães, veio não só tornar ainda mais variado o material dos caminhos de ferro francezes, mas tambem apurar mais o gosto do pessoal encarregado da composição dos comboios.

Assim, tendo qualquer das três grandes companhias: de Leste, do Norte e de Paris-Lyon-Mediterraneo, mais de seis typos de vehiculos, os comboios são compostos com uma tal uniformidade, que deixa logo ao viajante a impressão d'um cuidado exemplar em todos os serviços. D'esta forma ha comboios rapidos só com carruagens grandes, de entrada pelas plataformas e forradas de chapa de ferro; e outras com o mesmo typo de material, mas forradas de madeira.

Ha comboios expressos com grandes carruagens de portas, impecavelmente aparelhadas. Os vagões-correios e os salões restaurantes são colocados aos extremos, para que não prejudiquem a harmonia do conjunto.

Ha ainda comboios omnibus com carruagens pequenas, mas cujo conjunto é por igual bem harmonisado.

Tambem em França se tem feito — o que em Portugal, se experimentou, mas infelizmente até agora pouco seguido — a transformação do material antigo, por meio de alongamento das

carruagens, de forma a permitir a inclusão do W. C. indispensavel até mesmo em comboios de pequenos percursos.

Por meio de uma pequena despesa obtém-se uma carruagem modernisada, que ninguém dirá ter sido, ha pouco, um vehiculo antigo de compartimentos isolados.

Para remate d'esta noticia devemos acrescentar que, nas grandes estações de Paris, de Saint-Lazare, Lyon e de Leste, vêem-se, ás vezes, seis e mais

comboios, promptos a partir, cada um com o seu typo de material, pelo qual se lhe adivinha exteriormente o conforto interior, e bem assim o seu maior ou menor percurso.

Infelizmente isto não chega até o nosso paiz, onde bem preciso era o exemplo, pois n'estas pequenas coisas avalia-se mais depressa uma boa organização de serviços, do que pelos mais extensos e explicitos relatorios.

G. M.



FRANÇA

Congresso de Monaco

SEGUNDO consta, entre as varias questões de que o proximo Congresso de Monaco se occupará, destaca-se em primeiro logar o estabelecimento d'um acordo entre as nações aliadas, com o especial fim de, por todos os meios possiveis, se procurar a atração e a demora dos visitantes estrangeiros nas diversas estancias de cura. Sob a mesma idéa, a prosperidade d'essas estancias, e especialmente das que sejam consideradas como verdadeiros centros de turismo, vae ser estudada por comissões especiaes, cujas theses serão relatadas por congressistas que serão eleitos n'uma das primeiras sessões do Congresso.

Para presidentes de honra d'essa importante assembleia foram designados: M. M. Fernand David, deputado, antigo ministro, presidente da Repartição Nacional de Turismo; Jean Dupuy, senador, antigo ministro; Guist, ha, deputado, antigo ministro, presidente da associação «França-Estados Unidos»; A. Ballif, presidente do Touring Club de France; Hues le Roux, secretário geral dos Estudos Gerais do Turismo; o Comendador Johnson, diretor geral do Touring Club Italiano; Sauvage, presidente honorario do Club Alpino Francês; o barão van Zuylen de Hyevelt de Haart, presidente do Automovel Club de França; Maurice, diretor honorario da companhia P. L. M. São delegados do Ministério das Obras Publicas, os srs: Defert, vice-presidente do Touring Club de França; Famechon, diretor da Repartição Nacional de Turismo; Mahieu, diretor do referido ministério.

A Repartição do Congresso é composta da seguinte maneira:

Presidente: O professor Gariel, antigo presidente da Academia de Medicina, vice-presidente do Touring Club de França.

Vice-presidente: o Comendador Bertarelli, vice-diretor geral do Touring Club Italiano; Antoine Borel, deputado, presidente do grupo de Turismo na Camara dos Deputados; Lucien Cornet, senador, presidente do grupo de turismo no Senado; Dal Piax, diretor da Companhia Transatlantica; Le Grain, dire-

tor dos Caminhos de Ferro do Estado; Margot, diretor da companhia do P. L. M.

Secretario geral é o dr. Alfred Meillon, distinto médico em Cautezêts e membro do Conselho d'Administração do Touring Club de França.

O Tesoureiro é M. Gavarry, diretor honorario do Ministério dos Negocios Estrangeiros de França.

Entre as questões sobre que especialmente incidirá o estudo d'esse Congresso, contam-se as seguintes:

— Proteção das fontes. Estudo legislativo e administrativo.

— Melhoramento na administração municipal das estancias termaes.

— Aperfeiçoamento das instalações e utensilios balneares.

— Publicidade colétiua.

— Creação de escolas de industria termal, etc. etc.

Dado o interesse que estão despertando as resoluções d'este Congresso, é de esperar que d'elas resulte o inicio d'uma nova fase na vida das estancias termaes, climatéricas e de repouso, que sob uma criteriosa, homogenea e inteligente administração, muitos e importantes beneficios virão a prestar á humanidade com excelente proveito para as emprezas que as explorarem.

Brest «porto europeu»

Na importante revista *França Marítima* o comandante Voitou prevê para Brest, o grande porto de guerra francês, mais brilhante destino, se continuando as modificações que a guerra lhe tornou como que necessarias, a souberem adoptar ás exigencias da nova vida internacional.

«De porto de guerra tão pouco buliçoso, diz ele, Brest passou a ser um centro marítimo ativo e admiravelmente equipado. As consequencias d'ali resultantes são incalculavelmente beneficas para os interesses franco-americanos.

Brest é o unico porto francês em que os grandes navios podem entrar com todas as marés. E' o da Europa continental que mais

proximo fica dos Estados Unidos; e, logo que o desenvolvimento das suas linhas ferreas se realizar, não será sómente o terminus do trafico franco-americano, mas a desembocadura do commercio entre as nações da Europa central e a America.

Pela sua posição unica, e por sua vez completamente provido, o porto de Brest contribuirá poderosamente para o aumento da torrente de prosperidade que M. Wallace previu, entre os Estados Unidos e a França.

As estações hidromineraes e de Turismo

O projeto de lei votado e modificado pelo senado, referente á creação de estancias hidromineraes, climatericas e de turismo, no qual são estabelecidas as taxas especiaes a que essas estancias ficam sujeitas; projecto que a interessante revista «Sports et Turismo» estudou e resumiu em um dos seus ultimos numeros—foi transmitido á Camara dos Deputados, M. M. Claveille, Pames e L. L. Klotz assignaram o parecer da comissão respectiva, recomendando a sua immediata adopção. A comissão da administração geral

departamental e comercial, á apreciação da qual foi depois submetido o referido projecto, deve em breve pronunciar-se sobre o assunto.

Uma companhia aerea francesa

Com este titulo, acaba de se formar em Paris uma sociedade anonima, tendo por objecto a exploração de todas as applicações atuaes e futuras da navegação aerea, e particularmente:

—os transportes particulares ou em comum de pessôas e mercadories, e a fotografia aerea sob todas as formas;

—a compra, venda, aluguel, arrendamento, recolha, acompanhamento, conservação e reparação de aparelhos aereos de toda a natureza;

—a aquisição e vendá de todos os diplomas respeitantes ás applicações supramencionadas. A sede d'esta companhia é em Paris, estando o seu capital fixado em 500.000 francos distribuido por ações de 500 francos. O Conselho d'Administração é formado por técnicos em assuntos da aviação, o que é uma segura garantia do bom éxito da nova empreza.

Esse foi o de ter encontrado uma creaturinha qualquer, com presumpções e aspirações a anarchista social, a revolucionaria dos anachronicos costumes da sociedade, querendo inveterar n'um meio absolutamente burguez os devaneios mal acomodaticios de estrangeirismos ridiculos.

Qual a explicação?

Talvez um desejo de notabilidade; talvez uma infantilidade; talvez qualquer outra coisa...

Emfim — foi esse o motivo que veio suspender momentaneamente a alegria do meu espirito vivendo no isolamento d'uma mais que risonha solidão. E é ahí, por entre o segredo mystico das arvores, no meio d'esse harmonioso concerto das suas phrases — a que os embates do Boreas dá rythmo, vigor e expressão — que o meu espirito se reconforta, se alimenta, se perfuma, revivendo os dias da Felicidade, rememorando as recordações de factos que tristemente o sensibilisaram na buliçosa vida dos postigos.

Não posso falar-vos do que aqui se tem passado, porque nem mesmo sei o que os outros fazem e pensam. Chegam-me, apenas, longiquos échos de quaesquer coisas, como partidas de «tennis», sessões de «má lingua», espectaculos de pretensões e de aborrecimentos.

E' a vida dos eternos postigos.

E eu... só, feliz e contente. Mas os meus olhos rejubilam-se agora fitando um barco de pescadores, que singra impellido pela mascula força; e n'essa contemplação perpassa-lhes como ligeira pellicula a fita melo-dramatica d'uma vida de labuta, de trabalho incessante, de perigos e sobresaltos constantes, em demanda do pãozinho de cada dia, de cada hora!

A minha vista procura a seguir, não além do infinito, a... imagem dos meus sonhos — essa archi-ducal beleza que me seduziu com as suas originaes graças, que me atrahiu com o seu scintillantissimo espirito.

Está longe? Não; perto, envolta apenas na bruma do horizonte.

Só Ela tem requintes de beleza, de magia, de atracção. Só eu invejo as arvores que lhe dão sombra, o ar que lhe dá vida, a agua em que Ela se banha... e não está, todavia, longe, muito longe de mim...

Está onde eu devia estar, mas não quero ir, porque me dá prazer viver n'este aborrecimento, n'esta tortura, n'esta incerteza...

MARIO DE MONTALVÃO.

Foz do Douro — Outubro, 1919.



CARTAS DE LONGE

MEUS MUITO QUERIDOS.

Arbriza leve e perfumada d'estas risonhas paragens, delicadamente beijadas por um Sol excitante; a amenidade do mez d'agosto; os panoramas seductoramente belos, phantasticamente atrahentes, sensiveis ao mais gélido temperamento, completam-se n'um quadro de verdadeiro oasis que constitue e é o melhor e o maior prazer do mundo.

Escrevo-vos esta, abeirado d'uma secretaria authentica do tempo de D. João V, tendo em face artisticos «bibelots» e preciosas recordações, em admiravel harmonia com um soberbo candeideo de Saxe, onde se acham impressas delicadas manifestações d'um sensibilissimo espirito artistico.

A' minha direita, fazendo-me a mais encantadora companhia, uma loira, — d'um fulvo aurifero dulcificador que, com o maior e mais disvelado carinho, emoldura um apaixonado rosto feminino — embala-me nas doçuras d'uma voz

sem igual — d'uma voz que é o canto da sereia atrahindo os mal-avindos...

A' «gauche» — o quadro mais comovente d'um lar ideal: um pae estremoso para quem as suas duas filhinhas são os encantos — a unica alegria da sua vida, entretem-se, entretemo-as; prodigaliza-lhes tudo quanto ao pequenino cerebro d'essas seductoras creanças aflora como um desejo.

— E olho, atravez a vidraça da janela que me alumia, o mar inenso que se alastra pelo além, invejoso talvez de que eu não esteja compartilhando d'essa estúpida nostalgia que o envolve...

Lembro-me do meu serão de hontem, alegre de encantos para quem os apreciou; no «five-o-clok» que o antecedeu, em todos os motivos que, embora de somenos importancia, me fizeram pensar só o preciso para os... fazer diluir no fundo do meu esquecimento. Todavia, um houve que, se bem que futil, me demorou um pouco mais a atenção, mas pouco.

ARTE E LITERATURA

NOS JERONYMOS

DE ANTONIO BOTTO

Quando eu entrei no velho monumento
Para fitar o mystico Soldado,
Ergui a Deus mais alto o pensamento,
E pondo as mãos rezei ajoelhado.

Depois, encaminhei-me, a passo lento,
Para junto do grande iluminado!
E quiz fugir, ao vel-o olhar-me atento,
— Como se eu fosse o unico culpado!

«Ninguém te esquece, ó principe formoso!
Has de viver na alma atormentada
D'este povo que é nobre e desditoso!»

Pelas naves a luz esmorecia;
E a minha voz erguendo-se cansada,
Errante pela sombra se perdia!...



AO CREPUSCULO

DE TEIXEIRA DE PASCOAES

Ahi vem a noite... Sente-se crescer...
E um silencio de estrelas aparece...
Quem é, quem é, meu Deus, que empalidece
E se cobre de cinzas, no meu sêr,

Alma que se desprende n'uma prece...
Que suave e divino entardecer!
Como seria bom assim morrer...
Morrer, como a paisagem desfalece.

Morrer, quase a sorrir devagarinho,
Ser ainda do mundo pobresinho
E já pairar, sonhando, além dos ceus...

Morrer, cahir nos braços da ternura;
Morrer, fugir emfim á morte escura,
Ser-nos, emfim, na eterna paz de Deus!

AS FONTES

DE ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

Correi, fontes tristissimas... Ó vós
Que inda tendes ouvidos, escutae!
Bocas da terra, ó linguas de agoa, voz
De Portugal: Fontes, correi, falae!

Senhor! Anoteceu-nos logo após
Do Sol se levantar... Ai de quem vae
Por caminhos perdidos: Ai de nós!
Fontes do meu Paiz, correi, chamae.

Agonizamos. Que aflição! Quem dera
Remedio p'ra morrer: abreviar...
Fontes, dizei-m'o! Ó meu Paiz, espera...

A morte? A morte... Emfim! já absortos
Ficam olhos e alma... Ó luz do luar!
Fontes! rezae as orações dos mortos.



LUSITANIA

DE MARIO BEIRÃO

Vales da Lusitania tam sosinhos,
Alumiados da graça do Senhor;
Oh ceus occidentaes, — jardins em flôr
De enlaçadas roseiras sem espinhos!

Ermidas onde ajoelham pobresinhos,
Sorrindo, como Christo, á propria dôr;
Planicies marasmadas de torpor
Onde se escutam vagos murmurinhos!

Por ti, meu pensamento é mais profundo
E o meu canto mais alto se alevanta
Oh! Lusitania, coração do mundo!

O mar noiva contigo em seus delirios!
E em tardes de milagre, — oh mais que santa,
Sobre o teu corpo os ceus desfolham lirios!

NOTÍCIAS DIVERSAS

Portugal no estrangeiro e a aproximação brasileira

A acção da Sociedade Propaganda de Portugal está-se exercendo no estrangeiro, em prol do nosso paiz, por uma maneira extremamente apreciavel. Assim o «Bureau Central» de Paris, que funciona no rez-do-chão do grande edificio do Banco Ultramarino, 8, Rue du Helder, mercê da propaganda que em torno d'ele se tem feito, está sendo procurado activamente, não só por viajantes que desejam visitar o nosso paiz, como também por portuguezes de passagem n'aquella cidade para colherem informações sobre viagens em França, na Suissa, na Belgica etc.

A Propaganda de Portugal, d'acordo com uma grande agencia de viagens, organisa em Paris excursões, com todas as facilidades, aos campos de batalha, de forma que o viajante possa visitar os varios pontos destruidos sem fadigas e sem grandes despezas. Na Séde, em Lisboa, Rua Garrett, 103, dão-se todos os esclarecimentos a este respeito.

Outro serviço interessante e que representa, sem duvida, para os viajantes portuguezes, sem residencia certa em Paris, uma grande facilidade, é o serviço da posta restante que o «Bureau» estabeleceu, bastando para isso endereçar-se a correspondencia ao cuidado da «Propaganda de Portugal» Rue do Helder (IX.º).

Mas, áparte este Bureau, varios postos já funcionam em outras cidades, onde também se prestam todos os esclarecimentos sobre o nosso paiz. Esses postos são:

em Bordeus, 52 Cours de Verdun; em Rennes, 17, Rue le Bastard; em Toulouse, 3 Rue Agatoise; em Génève, 18 Boulevard des Philosophes; em Berne, 4, Place des Oursets; Lausanne, 5, Avenue Ruchannet.

A obra da Propaganda de Portugal vae ter, agora, seguimento pelo Brazil, o que bem demonstra a sua importancia. Ao mesmo tempo este grande Paiz de Alem-Mar, vae igualmente semear pela Europa varias agencias de informações, para o que já votou uma elevadissima verba. Esta obra, deve-se á iniciativa do illustre diplomata Sr. Rodrigo Octavio, um grande amigo de Portugal, que em breve virá ao nosso paiz fazer algumas conferencias. A sua promettedora acção de acórdo com a Sociedade Propaganda

dará, certamente, um grande resultado pratico para os dois paizes.

Delegação da Propaganda de Portugal em Cintra.

NESTA pitoresca vila acaba de ser instalada uma delegação da Sociedade Propaganda de Portugal, a qual é constituída por valiosos elementos, que, animados do maior entusiasmo, se propõem promover a efetivação de importantes melhoramentos que collocam aquella estancia em condições de receber os turistas que desejem apreciar as suas admiraveis paisagens e belezas naturaes.

Na reunião ha pouco efectuada foi escolhido para presidente d'essa delegação o Sr. José Antunes dos Santos, um dos mais distintos ornamentos do nosso alto commercio; e na sua constituição entram personalidades de grande destaque e que são verdadeiros amigos da aprazivel estancia que é Cintra.

Novo Hotel

DE fonte autorisada recebemos informação de que foi arrendado, a longo prazo, a parte de terreno entre as Ruas Antonio Maria Cardoso e do Alecrim, onde ha tempo funcionou a explanada Jansen, para n'ele se edificar um grande Hotel, com todos os melhoramentos modernos.

Pela sua centralisação e outras condições muito de atender, o local presta-se imenso para este util melhoramento; sendo de esperar que em breve possamos registar a sua realisação com as palavras de justo louvôr a que essa iniciativa tem merecido direito.

Propaganda de Portugal

TENDO esta Sociedade deliberado promover a melhoria das condições das estações nas fronteiras, tanto pelo que diz respeito á questão de acção e higiene, boa e metódica organisação dos serviços, afabilidade de trato dos respetivos empregados, etc., etc., como pela oferta de um certo conforto e facilidade de recursos compatíveis com as condições locais, mas que possam concorrer quanto possível para atenuar a fadiga dos que de longe nos procuram, e deixar-lhes as melhores impressões ao

entrarem no nosso paiz, acaba a sua direção de se dirigir n'esse sentido ás administrações das respectivas linhas ferreas a fim de se fazer efectivar a sua deliberação; sendo de esperar que os seus esforços sejam bem acolhidos e melhor comprehendidos.

Um monumento nacional «ornamentado» com uma sentina publica

NO largo de S. Domingos continuam as obras em frente do historico palacio dos Condes de Almada, para a installação d'uma sentina publica!

Chega a parecer impossivel que, n'uma capital que se diz civilisada, haja quem tenha pensado em tal coisa, e ainda mais impossivel parece que ninguem se oponha a execucao de semelhante tollice.

Onde está e para que serve a denominada comissão dos monumentos nacionaes? O que faz ela, que não ergue a voz, que se não agita, que não levanta uma campanha para obstar a que se cometa semelhante vandalismo?

Decididamente, não póde ser. E já que a camara municipal não tem a comprehensão nitida do vandalismo que se está em via de praticar, que intervenha o governo, mas rapidamente, sem delongas, para que se evite essa vergonha, não só aos olhos dos nacionaes, mas também aos dos estrangeiros.

A Torre de Belem

ATítulo de simples registo vamos arquivar em as nossas colunas um recorte que fizemos d'um jornal citadino «A Epoca» a proposito da resolução tomada pela camara municipal sobre a interessante questão do isolamento da preciosa Torre de Belem e que é a seguinte:

«Que sendo urgentissimo prover-se de remedio eficaz ás constantes reclamações da opinião publica ácerca da remoção da fabrica de gaz instalada junto á Torre de Belem; e,

«Considerando que a acção judicial intentada pela Camara é um recurso dilatorio e ineficaz;

«Proponho: A nomeação de uma comissão composta dos pelouros de architectura, engenharia e iluminação, que juntamente com um director das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, proceda em 15 dias ao estudo dos acordos necessarios para se dar fim a uma situação que não pode nem deve prolongar-se.

«Por ultimo! Caso a Companhia do Gaz escuse a sua colaboração a esta tentativa de conciliação ou não se chegue a acordo, se dêem instrucções immediatas ás repartições competentes para a immediata remoção e demolição da indicada fabrica do gaz, revogando-se e dando-se por caduca, já se vê, previamente, a licença concedida em 14 de Novembro de 1887».

A esta resolução o referido jornal faz o comentario que se segue:

«Espalhafato para *épater le bourgeois!*

«Como se o primeiro passo a dar não fosse a escolha do local para onde se deva e possa remover a fabrica, e o segundo a fixação da despeza necessaria!

«Faz-se isso em quinze dias? Depende a resolução só da Camara e da Companhia?»

«E como é que na hypothese de não haver acordo — e pode não o haver, se se quizer fazer a Companhia imposição d'encargos que pelo contracto lhe não incumbam — se vae remover e demolir a fabrica, edificada ao abrigo de um contracto que presuppõe a sua existencia e a constancia do preço de arrendamento do terreno durante a vigencia do contracto?»

«Não é com arreganhos jacobinos que se resolvem as questões complexas de administração.

«Estes rompantes de leão tem, não raro, como epilogo... as sahidas de sendeiro...»

Iluminação dos comboios

SEGUNDO nos consta, muito breve voltarão os comboios da Companhia Portugueza a ser iluminados a gaz por incandescencia, systema que foi suspenso pouco depois do inicio da grande guerra, em virtude da Companhia do Gaz ter deixado de fornecer o poder illuminante.

Fazemos votos para que este melhoramento volte a ser um facto dentro de pouco tempo, pois que constitue um apreciavel beneficio para os passageiros.

Na Serra de Montemuro

Sanatorios e hotéis de turismo

POR portaria de 8 do corrente mez foi concedida a exploração, pedida pela Empreza dos Sanatorios do Norte de Portugal, de 400:000 metros quadrados de terreno na Serra de Montemuro, entre Seixeninho e Perlarouca, do Concelho de Castro Daire, para a construção de sanatorios, hotéis de turismo e mais dependencias.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALLERIA DE GEOLOGIA. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE contemporanea. Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

MUSEU DOS COCHES. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando as segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU TIFLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala Só, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑHA nas bibliothecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Lembramos aos assignantes da «REVISTA DE TURISMO», que quizerem renovar as suas assignaturas o serviço que nos prestariam enviando em vale do correio para a nossa Administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70 — ano \$140), a fim de não só não soffrerem interrupção na remessa da nossa Revista, como tambem para nos poupar as enormes despezas que hoje acarreta a cobrança pelo correio.

Os assignantes da «REVISTA DE TURISMO», procedendo d'esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é unica em Portugal e que é forçoso que não acabe.

BREVEMENTE

A APARECER À VENDA:

“Cantares,”

VERSOS DO POETA

ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE

NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR

ANTONIO CARNEIRO

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar os 1.º, 2.º e 3.º anos da **Revista de Turismo**, que vendemos ao preço de **1\$50**, cada uma, sendo o pagamento adiantado.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»
Largo da Abegoaria, 27—Lisboa